

A ESCRITURA DO CORPO HISTÓRICO: QUANDO O PECADO SACRALIZA O DESEJO

Rayssa Kelly Santos de Oliveira – UFPB
Rayssa@live.com.au

Hermano de França Rodrigues – UFPB (Orientador)
hermanorg@gmail.com

Resumo: Desde a organização humana, narrativas sobre a histeria compõem o imaginário médico, literário e filosófico. Hipócrates (400 a.C) atribuía uma semiologia excessiva ao útero obsoleto, afirmando que o órgão teria o livre arbítrio de movimentar-se no interior feminino. Essa condição perpetuou ao longo das estações, sendo, apenas, no século XIX, contornada por novas concepções, sobretudo, pelas contribuições de Sigmund Freud. É a partir dessa conjectura que pretendemos analisar o conto "Melhor do que arder"(1974), de Clarice Lispector, em especial, a personagem Madre Clara. Assim, sendo, a narrativa nos oferta uma visão do quão é impossível negar a sexualidade, que encontrará vias tortuosas para satisfazer-se, num movimento (des)equilibrado entre o profano e o divino.

Palavras-chave: Histeria; Literatura; Feminino

Introdução

Desde a gênese da raça humana, histórias que circunscrevem a histeria são relatadas, a datar de escrituras de cunho egípcio, que narram casos de mulheres *inaptas* ao exercício da fala, do caminhar e que protestam acerca de dores corporais, ao julgamento da declarada *doença do útero*. Prenunciada na Antiguidade, pelo grego Hipócrates (400 a.C), seria *privilégio* do corpo feminino. O pai da medicina atribuía os sintomas histéricos ao útero, afirmando que o órgão teria o livre arbítrio de movimentar-se no interior feminino. Com isso, verificar-se-ia a sufocação do sistema reprodutor, outorgando, dessa forma, o limiar histérico. Considerava-se, ainda, que a forma de tratamento para a *cura* do adoecimento caberia a atividades físicas, inalação de vapores, e, sobretudo, o coito.

A concepção da ausência do ato sexual levava a uma idealização de que haveria uma “sufocação central” em razão de uma fragilidade ou leveza do útero, sendo assim, sendo possível movimentar-se com maior destreza. Nesse segmento, Platão predispunha-se ao entendimento de que a matriz clamava por reproduzir-se, a oposição disto, o faria rebelar-se, deste modo, causando a oclusão da abertura do ar e acarretando as mais variadas doenças. Essa condição imposta à histeria perpetuou ao longo de 600 anos, sendo apenas no século XIX contornada por novas formas, com as contribuições de Jean-Martin Charcot e Sigmund Freud. O primeiro, neurologista e médico francês, ao investigar o

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

quadro da histeria, associou-o a um elemento biológico (hereditário), utilizando-se da hipnose como mecanismo de intervenção, contudo, fora desacreditado pelos estudiosos de sua época, sendo considerado, no entanto, por Freud. Este, por sua vez, operou durante algum tempo, o método de hipnose, tornando um intenso estudo, conseqüentemente, para a psicanálise. Posteriormente, o mestre vienense observou que os sintomas não desapareceram após os pacientes serem submetidos a técnica de Charcot, assim, engendra o modelo catártico, que se configuraria por conceder escuta a essas mulheres. A partir de então, nomeou a histeria não como uma doença (meramente feminina), mas como uma possibilidade do sujeito ser.

É diante dessa conjectura que pretendemos analisar o conto *Melhor do que arder*, do livro de Contos *A Via Crucis do Corpo* (1974), de Clarice Lispector, sobretudo, a personagem Madre Clara. Examinamos, em Clara, um indivíduo que se encontra envolto a uma sociedade que condiciona e oprime a sexualidade e a linguagem corpórea feminina, utilizando-se da religião e dos preceitos culturais como subterfúgio. A protagonista é tomada pela repressão de um desejo que imerge na moldura de seu corpo e de seu psiquismo, germinando uma desmedida insatisfação que, embora as ideias de natureza sexual tenham sido recalçadas, continuamente, empenham-se em retornar à consciência, contornando o núcleo de seu mundo interno e externo. Destarte, a autora de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* nos oferta um aparato do quão inverossímil é negar a sexualidade que nos é inata. Gozando do erotismo e do encontro entre o profano e o divino, Lispector nos apresenta, como maior intérprete, o corpo histérico da heroína.

2. Histeria: A via crucis da carne

A histeria não é apenas a *marca inaugural* da psicanálise, mas, sobretudo, seu limiar. Ao rememorarmos tal ciência não só destacamos Freud, todavia, também, o fluxo da descoberta do inconsciente juntamente com os comportamentos verbais e a erogeneidade do corpo, os quais foram principiados pela natureza da histeria.

Caracterizada como uma neurose e sendo difundida em distintos quadros clínicos, muito se questionou a origem de seu funcionamento e as possíveis causas e tratamentos, almejando a cura para um “mal súbito” de sucessivos desgastes físicos e emocionais. Avaliados em conflitos psíquicos inconscientes sob uma conduta, além de teatral, simbólica, estes confrontos passavam a variar a partir de sintomas corpóreos paroxísticos, a exemplo das convulsões (muitas vezes confundida com a epilepsia, por sua similitude)

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

ou duradouros, como cegueira, paralisia corporal e/ou verbal, retração, etc. “*As duas principais formas de histeria teorizadas por Sigmund Freud foram a histeria de angústia, cujo sintoma central é a fobia, e a histeria de conversão, onde se exprimem através do corpo representações sexuais recalçadas*” (ROUDINESCO e PLON, 1998, 351). Dessa forma, ao pensar em um *modelo-ser* histórico, nos defrontamos com um arcabouço de sujeitos perturbados com suas atividades sexuais corpóreas e com uma ideação sexual recalçada.

O corpo é o *habitat* mais inóspito de seu ser, portanto, torna-se, de certa forma, *metamorfosado*, almejando um sopro de sustentação. Nessa perspectiva, seus corpos confundem-se e abrigam menos o biológico de seu surgimento que o imaginário que compreende seu *self*, como uma confissão de dor e sofrimento pelas partes que lhes são esfaceladas. A indiferença corporal é um dos maiores de seus êxitos. Como uma criança domiciliando a matéria de um indivíduo crescido, o histórico encontra a incoerência e a abstrusidade como aliada da sexualidade, recalçando, assim, a sua totalidade, embora a presença seja cruelmente imposta, ressuscitando-a aos sentidos. Christopher Bollas (2000), psicanalista francês, declara que:

Se alguém encontra uma contribuição biológica para a interpretação histórica de seu infortúnio – tal como a desilusão histórica com a imposição bio-lógica dos estágios da excitação sexual –, será que isto significa, por acaso, que a explicação esteja ancorada na biologia? Se alguém reporta à relação histórica com o “objeto primário” – de início, sempre a mãe –, será que isto significa que a teoria se baseia no *self* como um derivativo do caráter materno? Se alguém conceptualiza o histórico de acordo com a dinâmica da vida familiar, será que a teoria apóia ou ataca o conceito de vida em família? (BOLLAS, 2000, p. 8).

Os questionamentos que circundam o autor, permite-nos compreender que, para adentrar ao vasto universo histórico, não é possível deter-nos à unicidade de um prisma. As ópticas que abrangem esse complexo distúrbio devem ser amplamente respeitadas em suas interpretações, visto que oferecem suporte para a descoberta no tocante às suas estruturas psíquicas. Contudo, pertinente as indagações de Bollas, faz-se, imperiosamente indispensável, um outro-além: Qual é a raiz que circunscreve o distúrbio histórico? Bollas (2000) adverte que:

Cada *self* nasce com um idioma que, no entanto, ainda não foi completado, que virá parcialmente ao seu verdadeiro *self* pela sua utilização dos objetos disponibilizados pelos cuidados parentais. Se um *self* está comparativamente livre para estabelecer seu próprio idioma de ser e de se relacionar por via dos meios ambientais, então ele irá

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

concretizar uma estética idiossincrática à medida que molda e formata seu mundo de um modo que lhe é peculiar. Assim, cada *self* irá achar determinados indivíduos mais atrativos que outros, irá encontrar certos objetos reais – obras de ficção, peças musicais, passatempos, interesses recreativos – mais interessantes que outros, e no curso de uma vida terá construído um mundo que, embora compartilhando objetos em comum com outros selves, os modelará sob uma forma tão singular quanto suas impressões digitais. (BOLLAS, 2000, p. 10)

Sendo o *self* esse elemento que comanda o mundo interno e externo do sujeito, isto é, *a pessoa que [ele é], que é somente [ele], que possui uma totalidade baseada no processo maturativo*, a partir das relações objetais, temos, ao mesmo tempo, discernimento que *o self tem partes e é, na verdade, constituído destas partes*. (WINNICOTT, 1971, conforme citado por KHAN, 1993, p. 45. Grifo nosso).

Essa geminada conexão que o *self* engendra com o universo só é possível a partir do que chamamos de objeto primário. Este, por sua vez, impede que o *self* fragmente-se, derivando de experiências que o indivíduo mantém para e com o mundo, ou seja, é um revulsivo encontro com o real, advindo de experimentos familiares, mudanças e conflitos parentais, sendo esse último, também, proposto em condições de experiências arcaicas, tanto com a mãe, quanto com o pai. “O objeto primário é determinado, portanto, pela estrutura psíquica do *self*” (BOLLAS, 2000, p. 16) estabelecendo-se na profunda e angustiante relação mãe-bebê.

O objeto materno influencia negativa ou positivamente na vida do bebê, agindo sob as relações de satisfação e descontentamento (ou sofrimento), sendo entreposto a estratégia de autoproteção do infante, ou seja, a mãe que ampara, sustenta, acalenta. Como afirma Heinz Lichtenstein (1961, p. 79) apud Bollas (2000, p. 14) *o inconsciente materno [age] sobre a vida psíquica [do bebê], isto é, a mãe “imprime” um “tema de identidade” [na criança]*. Em torno dos dois ou três anos de vida, é possível observar elementos sexuais na criança. Esta não será passível de um entendimento que se é costumeiro na adultez, entretanto, as representações se fazem presente à medida que o corpo dos pais começa a se demarcar face à sexualidade. Nas palavras de Freud:

Quando um garoto (com a idade de dois ou três anos) entra na fase fálica de seu desenvolvimento libidinal, ele tem sensações prazerosas em seu órgão sexual, aprende a obter prazer pela estimulação manual e vê-se como amante de sua mãe. Ele deseja possuí-la fisicamente das maneiras que imaginou por suas observações e intuições sobre a vida sexual, e procura então seduzi-la mostrando seu órgão masculino com orgulho. Em poucas palavras, com o despertar da masculinidade, ele procura ocupar o lugar de seu pai diante de sua mãe.... Seu pai transforma-se

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

então em um rival que atrapalha seu caminho e do qual ele gostaria de se livrar. (FREUD, 1940, p. 189 apud WEBSTER, 2006, p. 26).

De certa forma, tal conjuntura provoca uma desordem na criança, visto que a mãe passa de uma posição de *mãe-confortadora*, tornando-se objeto sexual, para aquela que desnuda sensualidade e adentra ao mundo auto-erótico do *self*. Isso posto, passamos a compreender que tanto a menina como o menino têm suas vidas modificadas perante o aprofundamento da sexualidade. A admissão deste formante erótico assume a *culpa* de um desmoronamento da inocência que circundava o *self* e, conseqüentemente, do âmbito materno, adulterando a castidade parental em detrimento da corrupção do desejo sexual, pois “*no despertar da excitação genital, o self inventa a inocência, geralmente removendo-a do presente, no qual ela pode ser manchada pelo cotidiano, e colocando-a no passado, no qual ela pode ser mais facilmente sacralizada*” (BOLLAS, 2000, p. 27).

A mãe do histórico assevera um vívido amor pelo filho, contudo, de maneira inconsciente, nega o desejo pelo ínfimo corpo. O *self* materno repele os genitais da criança, transferindo o desejo sexual para outras partes do corpo. Dessa forma, a mãe é vista como um ser assexuado por ele. O pai, por outro lado, torna-se o grande elemento abjeto no período do Édipo, isto é, vem ser aquele que põe em perigo o perfeito *castelo* coberto por purezas, limpidez e castidade históricas. Contudo, em período posterior, a criança passará a aceitar o pai, visto que assume a função de esposo de sua mãe, assim, a sua imagem, tal qual a materna, será dessexualizada.

O histórico trava uma batalha interna para manter presente a criança inocente, impugnando o desenvolvimento do *self*. A imagem de mãe “Madona” é concebida e o desejo de ser a criancinha perfeita materna é incorporado, com isso, atenderá a um desejo que, em sua compreensão, será sempre do outro. Este outro, isto é, sua mãe ideal, irá desprezar a sexualidade em prol da eterna inocência de sua criança.

Na histeria, por conseguinte, o corpo é tomado como objeto erótico e a circunspeção demasiada com ele representa a criação de um personagem auto-erótico que provoca, estimula, atrai, fascina e que, comumente, eleva-se aos céus como um legítimo ser prosperado de candura e que mantém sua *relação infantil*, atuando como esse intérprete construído sob as designações maternas.

É por esse viés que cabe, aqui, dialogar acerca de *A Via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector. Publicado pela primeira vez em 1974, o livro de contos é o despertar

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

da primeira escrita erótica da autora, trazendo, em sua profundidade, não apenas questionamentos do universo feminino, mas, sobretudo, da corporificação. Em suas linhas, o corpo é desenhado mais no grito e na voracidade gestual em que só um membro humano pode configurar do que tão somente na forma física de uma ciência biológica. O corpo feminino Clariceano fala mais que qualquer voz, clamando por ser ouvido, dialogado, desmedido, compreendido e desentendido.

O distúrbio histérico tem sua premissa nos períodos primevos do sujeito, estendendo-se à vida adulta. Estar em um corpo é um fardo *a se carregar*, sobretudo, quando este revela o ultrajante encontro com a sexualidade, visto que a *ludcidez* que o *self* desenvolve a respeito do corpo faz com que esse indivíduo o sinta como libertino, impudico. A protagonista de *Melhor do que arder* sente-se como hospedeira no próprio corpo, contudo, a matéria fala, agoniza e clama por subterfúgio. A entrega pertinente à santidade a faz permear consecutivas tentativas de abarcar o que a íntima chama ousa a anunciar.

Clara remanesce-se das experiências de dessexualização ao perseverar na morte corporal simbólica, todavia, naufragava o êxito. Esse investimento a coloca, diretamente, em confronto com seu corpo sexual. As sensações sexuais que a freira sentira tinha o prestígio da impureza, pois *este fato é um constituinte vital para a formação do histérico, porque de maneiras muito diversas os histéricos demonstram inquietação com o corpo.* (BOLLAS, 2000, p. 34). Nas palavras que abrange a narrativa:

- Mortifique o corpo.

Passou a dormir na laje fria. E fustigava-se com silício. De nada adiantava. Pegava gripes fortes, ficava toda arranhada.

Confessou-se ao padre. Ele mandou que continuasse a se mortificar. Ela continuou. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Encontramos, na personagem, uma transformação da paixão sexual em um deslumbramento do auto-sacrifício, em que ela estimula o abandono de seus impulsos em virtude do legítimo amor que acredita ser irradiado dos pais. *As obrigações eram muitas* (LISPECTOR, 1998, 71), no entanto, a penitência se fazia maior, mediante a adoração parental e o sustento de “boa e inocente menina”, regozijando tanto a cultura repressiva imposta, quanto o meio social. Assim, o repúdio a sexualidade como algo que oferta discórdia se constitui, para o histérico, no *self* ideal e em uma mãe ideal.

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

Por outro lado, para o histérico, a relação com o pai se perdura na ambivalência, pois a ordem paterna é associada às demandas não cobiçadas da sexualidade. Por esse motivo, há uma rejeição com essa figura paterna, uma espécie de recusa, tornando-o *o recusado e o que recusa*. Quando o histérico diz “não” ao pai, ele inconscientemente celebra o pai como aquele que diz “não” e, embora em vigorosa oposição a esta figura, o pai é extremamente importante para a manutenção da sanidade do histérico (BOLLAS, 2000, p, 245).

De volta ao conto, temos a imagem do padre e de Cristo, que representam, para o mundo real, além da simbologia paterna, a lei que rege *todos nós*: *Em nome-do-Pai*, assim como para o infante, o pai real simboliza os preceitos da regra. A negação que Madre Clara recebera, continuamente, provocava, nela, uma espécie de eco paterno sedutor, ao passo que o sacerdote repudiava suas atitudes e a necessidade da moça verbalizar, ela, por sua vez, infringia as *leis* sob o manto da inocência.

Ao ser coagida a mortificar-se, ativava o desenfado imaginário do *não pelo não*, esse era seu desafio: Através da sedução, burlar as regras do objeto que emana a sexualidade que tanto o *self* rejeitara. *Mas na hora em que o padre lhe tocava a boca para dar a hóstia tinha que se controlar para não morder a mão do padre. Este percebia, nada dizia. Havia entre ambos um pacto mudo. Ambos se mortificavam* (LISPECTOR, 1998, p. 71). [...] *Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem, ai dela. Contou ao padre. Este ficou pálido. Imaginou que suas pernas deviam ser fortes, bem torneadas* (LISPECTOR, 1998, p. 72). No espetáculo da repetição – não-não –, ela criara um *teatro da negação* para existir perante a *performance* da vida, agindo de forma punitiva às leis implantadas. Através do presente sedutor, derrotava a figura paterna por intermédio do passado que lhe fora, duramente, imposto. Por fim, Clara comemora o não duplo: Dizer não ao não do padre.

A jovem moça almejava abarcar o desejo que lhe queimava a pele, *até que disse ao padre no confessional: - Não aguento mais, juro que não aguento mais!* (LISPECTOR, 1998, p. 72). Por outra forma, ansiava alcançar o orgasmo a partir de um caráter auto-erótico, já que *no intercurso sexual, o objeto sexual do histérico é somente interno, e o outro sexual se engaja como um parceiro masturbatório que deverá exhibir conteúdos carnis que bordejam as imaginações orientadas*. (BOLLAS, 2000, p. 247). Com o artifício de utilizar-se do outro para o tão cobiçado fim, para ela, admitir o oposto

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

tornava-se tão doloroso quanto os dias em que se mortificava ao dormir na laje fria. Mais do que as gripes fortes e, sobretudo, mais que as cicatrizes temporárias que grudavam em sua derme, uma vez que tal confissão angustiaria o *self*, o qual vislumbrara repúdio a sexualidade.

Em função disso, procurar um *outro* para lançar a culpa seria a mais fabulosa solução: *Mas Madre Clara foi firme; queria sair do convento, queria achar um homem, queria casar-se. A superiora pediu-lhe que esperasse mais um ano. Respondeu que não podia, que tinha que ser já.* (LISPECTOR, 1998, p. 72). Um homem e, singularmente, um casamento fariam a admissão de Clara ao universo sexual, *é melhor não casar. Mas é melhor casar do que arder.* (LISPECTOR, 1998, p. 72) sem delitos, sem infrações, dado que o casamento é divino, ora, estabelece-se sob à lei de Deus. O histérico tem uma idealização do sexo que assimila-se ao espiritual e, de toda forma, se utiliza da masturbação para *retornar* a mãe-madona. Estar próximo a Cristo é obedecer aos preceitos da mãe e, via de regra, estar em contato com o desejo *puro* desta, a qual rejeitou seus genitais. Nesse caso, para a nossa protagonista, arder solevaria o profano, assim como casar prosperaria o divino.

Há uma discrepância entre o corpo físico do *self* e o outro corpo que compete à sua alma, com esse segundo, o objeto de amor será realizado por meio da pureza devido afeto. Na hipótese de o *self* não resistir aos desejos corporais de cunho carnal, o direcionamento da alma ao objeto de amor seria incinerado.

Por conseguinte, quando se fala de sexualidade, em relação ao histérico, não se expressa apenas e tão somente o sacrifício do corpo pelo corpo, tendo em vista que esta só poderá ser auferida caso a *carne* seja indeferida. Diante essa asserção, como depreendemos o ato de *fazer amor* na condição histórica? Antes de nos determos a responder tal questionamento, é fundamental nos ocuparmos de compreender que o histérico irá confrontar o mundo em busca da preservação da criança inocente, isto é, contestando o crescimento do próprio *self*, elaborará a figura de uma mãe “virgem”, resultando em um menino ou menina que se devota ao desejo do outro. Este (outro), por sua vez, será a imagem da mãe ideal, a qual rejeita a sexualidade da sua criança, aspirando à inocência perpétua dela. Sendo assim, na fantasia histórica, o indivíduo representa a castidade de maneira louvável, substituindo a satisfação sexual por uma espiritual.

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

A personagem descrita por Lispector, embora renunciasse aos alicerces do convento, se mantivera sob às custódias da virtude. Nas ruas, seu corpo era pronunciado de uma forma tímida, o escondia através de vestes que eram tracejadas, cuidadosamente, por suas mãos. Detinha o cuidado de alongar as mangas do vestido, seus braços jamais ficavam expostos, seus seios ou seu colo não enunciavam permissão aos olhos alheios, não haviam decotes. Contudo, o cuidado maior se via nas partes inferiores de seu corpo, seus joelhos de modo algum rompia o protocolo de segurança santificado. Clara, através de seus atos, nos deixava transparecer seu conhecimento, conquanto inconsciente, tal qual na teologia cristã, em que o fragmento superior do corpo era visto como sublime, tendo em vista que os olhos marcavam a reverência à divindade, enquanto os ínfimos membros, fulguravam o demônio, desalinhando a ordem sagrada. Dessa forma, cobrir o corpo, sugere transcendência, promovendo o amor cristão.

Ao longo da narrativa, podemos observar a busca da moça por um marido, sendo finalmente *abençoada* ao encantar os olhos do português Antônio. O dono do botequim se apaixonou pelo contorno que revestia seu corpo, ofertou-lhe alguns mimos de seu próprio estabelecimento, estimando que a jovem voltasse e pudesse vê-la novamente. Primeiro lhe ofertou uma água de Caxambu, posteriormente, uma cocada e, por último, sua companhia, *criou coragem e convidou-a a ir ao cinema com ele. Ela negaceou* (LISPECTOR, 1998, p. 73).

Clara concedia uma notável característica histórica em que, apesar de parecer interessada no que o rapaz estivera a oferecer, em variadas ordens, sentia a necessidade de ausentar-se para gerar essa falta no outro, não por convocar um desejo, mas em decorrência de utilizar o desejo do outro como um estado de falta. Esta, todavia, não teria essência se não viesse acompanhada da presença. Sendo assim, na condição de histórica, criara formas de presença com o ensejo de contestar a ausência. Ela impusera sua falta com a promessa, para si mesma, do retorno cotidiano, até, finalmente, após um café com o português, ouvira o que tanto deleitar-se-ia: *Antônio lhe prometeu que não a tocaria se fossem ao cinema juntos. Aceitou.* (LISPECTOR, 1998, p. 73)

Para a ex-freira, encontrar-se com o pretendente para um eventual filme era como se fossem dois objetos isentos, desobrigados. Eles poderiam se falar durante toda a noite, se olharem, *no fim do filme, [estarem] de mãos dadas* (LISPECTOR, 1998, p. 73), contudo, não haveria toque sexual, essa contrariedade danificaria as preliminares e a

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

resistente marca da inocência. *De fato, o histérico se sente profundamente ligado a um outro que retribui, já que este encontro cumpre os termos iniciais da relação do amor histérico com o outro* (BOLLAS, 2000, p. 250). Por esse motivo, Clara, posteriormente, aceitara o pedido de casamento do então futuro marido: - *Queres?* – *Quero, respondeu grave* (LISPECTOR, 1998, p. 73).

Casaram-se na igreja assim como no civil, sob as bênçãos do padre que lhe dissera abertamente que era melhor não casar, mas se o corpo ardia, o casamento seria a possibilidade mais coerente. Como bons portugueses, conduziram-se àquela que fora o centro de desenvolvimento do Cristianismo, na época em que Olisipo se aliou aos romanos: *Foram passar a ardente lua de mel em Lisboa.* (LISPECTOR, 1998, p. 73).

As necessidades sexuais representam a destruição da ligação do *self* com o objeto primário (que se faz sacro), a menos que possa haver uma transmutação do carnal ao espiritual, sendo, dessa forma, a alma um suplente da ordem genital. Posto isto, *ela [Clara] voltou grávida, satisfeita, alegre. Tiveram quatro filhos, todos homens, todos cabeludos*” (LISPECTOR, 1998, p. 73).

Dessa forma, finalmente, como os históricos fazem amor? Com a alma como premissa de suas relações sexuais, o histérico suprime de seu espírito todo e qualquer contrato com a lasciva corpórea, abrindo espaço para o universo sexual e a significância de fazer amor, sendo sua maior magnificência. À proporção que a excitação veste seu corpo, o delírio invade e os instintos que emergem de seu Ser são orientados a delineamentos mais elaborados e imaculados. O histérico, além de glorificar a própria paixão, abençoa a si como se vestisse um exclusivo *manto sagrado*, a partir desse momento há uma devolução ao corpo, já que conseguiu direcionar o prazer carnal em um pacto sexual-espiritual com o outro.

De certa forma, ao fazer amor, o histérico encontra um parceiro no auto-erostimo e o que nos faz parecer um ato sexual, é uma masturbação a dois. O martírio e a súplica se tornam, finalmente, paixão.

Todavia, como se daria esse sacrifício sexual? Segundo Bollas (2000):

O self irá casar-se com o genitor do sexo oposto e gerar novas crianças, fazendo com que mamãe e papai, vovô e vovó, fiquem muito contentes. Isto para não mencionar os padres, professores e os guardiães da cultura infantil. (BOLLAS, 2000, p.35).

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

Contudo, o histérico não repousa nos braços da apazibilidade de sua própria sexualidade e nem tampouco com o fluxo rigoroso que advém desse princípio. Contrário a isso e *seguindo a projeção, no pai, da sexualidade-como-assédio* (BOLLAS, 2000, p.35), busca um retorno à mãe, no interposto da dessexualização do *self* e da mãe. Por consequência, se prontifica em ser sempre esse sujeito inocente, *perfeito* do e para o outro, acionando a idealização através da excitação como dessexualização.

Assim como vimos na obra, em que a personagem principal nos mostra o resultado dessa paixão espiritual em uma multiplicação de corpos. Ter *quatro* filhos é uma forma de repetição, ou seja, está sempre justificando o ato, remetendo-o ao sexo auto-erótico como puro, límpido, virtuoso, inocente, sendo sacramentado com o único intuito da procriação, desempenhando o papel, supostamente, prescrito pela ordem divina. A dessexualização é, ordinariamente, atingida pela idealização pelas particularidades assexuais da mãe, sendo remodelada ao personagem de madona e o *self* em um inocente referente à sexualidade.

Considerações finais

O corpo pode ser percebido como um elemento múltiplo que está, comumente, frente ao universo, reinventando a essência do próprio ser ou estar que são expostos aos meios culturais e sociais e transformados em segmentos de amor, empatia, desejo e felicidade, sendo transcritos de sujeito para sujeito. É com esse discernimento que Clarice Lispector nos atinge, adentrando ao mais contínuo contemporâneo e aprofundando-se nas vertentes mais subjetivas que cercam a corporificação humana.

A literatura de a *Via Crucis do Corpo* destaca-se por toda a dimensão corpórea que se é investida, transcendendo o físico e acometendo o âmago da alma e do desejo feminino, mormente, em *Melhor do que arder*. Os espaços intersubjetivos de Madre Clara se intercalam na narrativa, salientando o anseio, a volúpia, atração, excitação, fantasia, aspiração e vontade. O corpo desnudado da protagonista clama, cobiça, implora, reage e entrega-se, (re)vivendo as ondulações dos experimentos humanos. Assim, comemora o padrão invertido da *normatividade*, adentrando, arditamente, no distúrbio histérico.

Com isso, ainda se é questionado, copiosamente, acerca da sexualidade inerente do histérico, ou seja, como essa eroticidade está tão presente no cenário da histeria se estão, frequentemente, em conflito com a sexualidade genital? Por que se identificam tanto com ela se constantemente a repudiam?

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au

No exercício da ausência, mediante a negação materna dos genitais, o histérico a utiliza como função erótica, de maneira que, quando haja a separação sexual do real-psíquico esta permaneça sexualizada, isto é, a falta e a bifurcação serão inteiramente sexuais. Sendo assim, quanto mais o histérico engaja-se na escassez, mais sexualizado encontra-se. O corpo deste sujeito servirá como um reservatório erótico, distraindo os genitais. Toda a concentração erógena irá encaminhar-se para outras partes do corpo, a exemplo da boca, mãos, pés, pernas, ombros, joelhos, cabelos. Essa excitação materna, que fora deslocada, será mantida e o *self* se empenhará em preservar uma demanda satisfatória.

A partir de um caráter instintivo, o histérico sente-se, intensamente, gratificado no auto-erotismo visto que se idealiza como objeto de sigilo materno, logo, através da masturbação erotiza este objeto que é traduzido, configurado e retratado à mãe. Conforme a evidência que uma criança histérica tem a mãe, tal qual imersa na histeria e, de toda forma, a sexualidade também de cunho auto-erótico, as diegeses e desempenhos do indivíduo se transformarão em amor pelo objeto interno através do corpo do outro.

Destarte, não se pode pensar o psíquico como uma doença. A histeria não se caracteriza como tal, e sim, um modo de ser. É a partir da psicanálise que ela ganha novos meandros, ofertando ao sujeito a condição de apenas ser. É nessa conjectura que a pretensão em analisar o conto ganha suas sinuosidades. Clara tem o direito a ser. A condição que a faz tracejar a histeria não é parâmetro para um aniquilamento ou um apagamento da sua vivência cotidiana, tampouco, sua sexualidade.

Referências

- BOLLAS, Christopher. (2000). **Hysteria**. São Paulo:Escuta.
- KHAN, Mohammed Masud Raza (1993). Prefácio 1. In: **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise** (Jane Russo: Trad.).Rio de Janeiro: Francisco Alves, 4ª ed. (Originalmente publicado em 1958).
- LISPECTOR, Clarice (1998). **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor.

¹ Graduada em Letras Português (UFPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: Rayssa@live.com.au